

---

## FRONTEIRAS: TERRITÓRIO DA LITERATURA E DA GEOPOLÍTICA

---

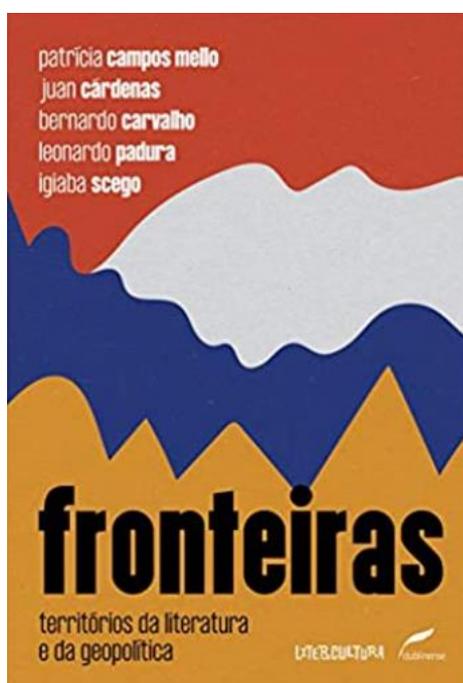
Resenha de: MELLO, P.C. et al. Fronteiras: territórios da literatura e da geopolítica. Dublinense. São Paulo, 2019.

**Isadora Sigarini de Moraes<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-7976-2635>  
<http://lattes.cnpq.br/7256889868375620>

**Marco Aurélio Machado de Oliveira<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0000-0003-3749-6030>  
<http://lattes.cnpq.br/6005497264756113>



A obra “Fronteiras: territórios da literatura e da geopolítica”, publicada pela editora Dublinense em 2019, apresenta textos inéditos escritos para o Litercultura Festival Literário. Neste livro, os autores e autoras nos trazem a diversidade de perspectivas em simultâneo a singularidade de cada ser vivo e sua experiência, destacando a importância do diálogo entre perspectivas e experiências, promovendo uma compreensão mais profunda das fronteiras como elementos dinâmicos e complexos.

Ao explorar a interseção entre fronteiras e literatura, abordando que ambas podem ser tanto

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2011) e mestrado em Estudos Fronteiriços pela Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2023). Especialista em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família pela instituição de ensino superior Centro Universitário Internacional (2013). Membro do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (Migrafron - UFMS/CPAN) e do Laboratório de Saúde Mental do Trabalhador (UFMS/CPAN). Email: isadorasigarini@gmail.com.

<sup>2</sup> Possui graduação em História pela FUCMAT (1988) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde coordena o Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (Migrafron). Tem experiência em estudos de migração internacional fronteira. Pertence ao quadro de Docentes Permanentes do Mestrado em Estudos Fronteiriços (UFMS/CPAN)). Atua, principalmente, nos seguintes temas: fronteiras, política, cultura e migrações internacionais. Email: marco.oliveira@ufms.br.

ponto de encontros quanto de conflitos, destacam a influência mútua entre esses campos que desempenham um papel crucial na compreensão da sociedade e da cultura, já que refletem e influenciam as questões geopolíticas contemporâneas.

A apresentação da obra foi escrita pelo Cezar Tridapalli, mestre em Estudos Literários, escritor e tradutor de livros sobre literatura e fronteiras, também é autor de alguns romances, como o livro *Vertigem do chão* que possui a temática da imigração. Inicialmente nos escreve que “Fronteiras confrontam-se, enfrentam-se. Do atrito, pode nascer o diálogo, pode haver expansão do mundo subjetivo, acréscimo, soma e multiplicação”. No entanto, ele também argumenta que há encontros que resultam em subtração e divisão. Para o autor, é esse dinamismo que dá forma ao mundo.

A divisão desta obra é feita em cinco capítulos. O primeiro capítulo, *O novo mundo dos estrangeiros pré-fabricados* foi desenvolvido pela Patrícia Campos Mello, formada em jornalismo e mestra em Business na Economic Reporting, foi correspondente em Washington do jornal *o Estado de S. Paulo*, sendo assim uma migrante.

O segundo capítulo, *Parábola do não retorno*, foi escrito por Juan Cárdenas, um tradutor e escritor colombiano que migrou para Espanha e que foi selecionado para a coletânea *Bogotá*<sup>39</sup>, que reúne escritores latino-americanos com menos de 40 anos mais destacados.

O terceiro capítulo foi escrito por Bernardo Carvalho e nomeado *Pátria*, este brasileiro é escritor, tradutor, dramaturgo e jornalista que trabalhou como correspondente em Paria e Nova Iorque para a *Folha de S. Paulo*, onde continua como colunista.

O quarto capítulo é *A maldita circunstância de água por todo lado* de Leonardo Padura, graduado em Literatura Hispano-Americana, romancista, ensaísta jornalista e roteirista. Foi colunista da *Folha de S. Paulo* e colaborador do jornal *El País*. Alcançou reconhecimento internacional com seus romances policiais.

O último capítulo, *Viajantes de Igiaba Scego*, uma italiana de família de imigrantes somalianos, se formou em Literatura Estrangeira e escolheu trabalhar como

jornalista e escritora, suas obras têm forte enfoque no diálogo entre a migração e a cultura africana.

Percebemos que todos os autores vivenciaram ou vivenciam experiências em migração, em viver as fronteiras que não são linhas nos mapas, essa palavra não é apenas um substantivo que define um limite entre territórios, mas, é uma categoria que nos envolve em uma identidade que passa as amarras de um documento. A fronteira, tal qual, a nossa pele é porosa, permite o ir e vir, assim, o rótulo físico da região fronteiriça como limite que freia e só tenta normatizar uma localidade que não possui padrões é ultrapassado e desumano. (MACHADO, 2005).

Mesmo que a noção de fronteira seja um conceito tão disputado no campo das humanidades, o que lhe garante um caráter polissêmico, é um tema clássico nas abordagens da Geografia e das Relações Internacionais, visto que os seres humanos tecem as suas relações pela porosidade das fronteiras, onde trocam, se descobrem, entendem que todas as culturas e nacionalidades, vivem, coexistem e se misturam, tudo simultaneamente.

A utopia de sermos todos iguais é mais próximo quando se vive na região de fronteira e em contato diário com os cidadãos fronteiriços, já que aplicamos com mais intensidade essa mistura de ser quem se é respeitando e vivendo com o outro.

Porque nós podemos sair do nosso local de pertencimento, mas esse lugar não sai de nós. E na fronteira as pessoas não saem do seu lugar de vida, elas vivem as fronteiras. As culturas, crenças e idiomas se misturam, ao mesmo tempo em que transmitem os legados de outros cantos. Não deve haver lugar inabitado aonde as pessoas chegam e criam costumes, sempre que saímos do lugar onde nascemos e fincamos nossas raízes, elas nos acompanham e nosso lugar de destino será criado com a conjuntura de origens antigas, novas, misturadas, entendimentos e perspectivas diferentes, que são fruto de troca, será uma raiz cheia de subjetividade (OLIVEIRA, 2016). E, com a literatura podemos nos deslocar para buscar compreensão sobre outros rincões sem sair do lugar. Dessa maneira, podemos compor um mosaico frente às questões urgentes da imigração e da proteção, por vezes cruel e violenta, das fronteiras.

Há sempre empecilhos aos deslocamentos das pessoas, ainda mais quando essas querem adentrar territórios além de suas fronteiras políticas originais.

Neste livro, *Fronteiras: territórios da literatura e da geopolítica*, temos iluminados temas que abrangem políticas, jornalismo, filosofia e literatura as necessidades da abertura sem empecilhos jurídicos ao livre movimento humano, já que a fronteira é intrinsecamente relacionada à noção de alteridade, e vemos constantemente a necessidade de emergir como o epicentro de um diálogo que se estende desde o domínio literário até a nova configuração geopolítica global.

Os escritos são heterogêneos, porém costurados pela fronteira, que mesmo sendo permeável ainda é seletiva, já no primeiro capítulo, **O novo mundo dos estrangeiros pré-fabricados**, Patrícia Campos Mello dialoga com o leitor sobre as fakenews que validam o que grupos separatistas pregam e a autora chama de "câmaras de eco" (p. 12). Estas são responsáveis por propagar informações correspondentes ao perfil do público alvo, que é conhecido devido ao vazamento de informações, algoritmos tecnológicos e outros métodos que propiciam fabricar estrangeiros com predicados semelhantes aos pregados pelas "câmaras de eco", que recebam benefícios do governo, ou mesmo que haja a possibilidade de receber benefícios que incomodam ao público alvo raivoso e os faça concluir por si mesmos, embora não haja comprovação que os vá prejudicar, tomar empregos e vagas em escolas e hospitais. Propagando esses ecos é facilitada a adesão ao discurso de ódio contra os imigrantes, refugiados, estrangeiros. Há pessoas que querem acreditar que o problema da falta de leitos em hospitais ou ausência de investimento na educação seja pura e simplesmente pela presença de migrantes internacionais em seu país, pois colocá-los como prejuízo a ordem é um recurso usado politicamente para justificar situações que estão caminhando mal há muito tempo.

As mídias sociais tem facilitado e corroborado a expansão de ideais segregacionistas que usam deste meio para propagar a ideia na qual o imigrante é a causa do problema, essas narrativas, impulsionadas pelas características interativas e de compartilhamento das redes sociais, encontram terreno fértil para se difundirem, contribuindo para a consolidação e propagação dessas visões discriminatórias, já que os

indivíduos que se identificam com essa afirmação se unem na missão de reforçar a noção de que para que esses problemas acabem o estrangeiro precisa desaparecer, formando grupos onde compartilham com seus semelhantes falas racistas e xenofóbicas, pois o alcance global e a velocidade de disseminação das mídias sociais tornam-se um veículo eficaz para a ampliação de tais perspectivas segregacionistas, impactando a percepção coletiva e, por vezes, influenciando a formulação de políticas e atitudes na sociedade, principalmente por que nesses locais estão seguros e livres do julgamento de todas as outras pessoas que não validam esse tipo de atitude. A benevolência das elites com estes grupos, está no fundo da questão, que disparam mensagens muitas vezes irrealis que faz com que religiões e ideologias políticas diferentes, sejam discriminadas, se aproveitando de preconceitos que já são presentes na sociedade e fabricam inimigos comuns.

Já no capítulo dois, **Parábola do não retorno**, Juan Cárdenas fala da transformação do espanhol peninsular que se abriu à linguagem vinda das periferias de Madri e podemos observar a reciprocidade entre o autor que reinventa seu idioma e a própria cultura que influenciou. A repetição, recurso didático muito utilizado neste capítulo, é também uma espécie de violência pois a pressão externa pode se manifestar como uma força interior, assim, com a presença dos imigrantes o idioma e a literatura espanhola começaram a refletir a língua que estava se formando nas ruas. O autor também fala sobre viagens, visto que para o imigrante a terra natal se faz presente sempre, provando que o ser é holístico e por isso é complexo aclarar a vida repartida de um imigrante entre a terra onde está e a que deixou.

Pois, no território fronteiriço ou onde há presença massiva de imigrantes ocorre a integração de culturas e costumes fundindo e cocriando uma nova maneira de se viver, um lugar com um “fervedouro cultural” (p. 24). Mas, mesmo assim, por vezes o migrante internacional pode ser considerado estranho se comparado ao padrão do nativo, visto que o seu modo de falar, vestir e ser é diferente. Porém, depois de um tempo a mistura é tanta que mesmo tentando ser outro ao buscar se encaixar e pertencer, quando ocorre de retornar para o país de origem ele também é o diferente, estranho e citando o autor “não há nenhuma coisa sublime que resista às marteladas da vida cotidiana” (p. 26). A identidade e o pertencimento se mesclaram tanto que não vai conseguir voltar,

da imigração não se volta, se paira num limbo, não pertence ao destino, mas também não se pertence a origem.

No texto se esclarece que o direito de pertencimento vem da condição de ser um cidadão nacional, portanto não misturado. E, quanto a isso, ele ressalta que ainda vemos atualmente que está relacionada a branquitude, como construção social por associação imediata ao direito de tudo, inclusive de possuir um território, às outras nacionalidades e cores resta um espaço que não cabe fala ou querências.

Por essa crença histórica que teima em não ser desconstruída são interrompidas gerações, vidas, histórias e oportunidades. A origem de uma sociedade fala muito sobre o seu futuro e as condições em que vivem. Desta forma, por um lado, essa raiz conduz à segregação e à xenofobia, fazendo com que algumas pessoas passem invisíveis pelas políticas públicas, por outro, nos faz refletir sobre a necessidade de enxergar o outro como a si próprio.

No capítulo quatro, Leonardo Padura em **A maldita circunstância de água por todo lado**, traz figuras de linguagem a partir do Malecón, um muro que também é banco e que separa Havana do mar. O escritor exemplifica que sentado nesse banco voltado para o mar, olha-se para si mesmo e para o horizonte, quando voltado para a rua, olha-se para o outro. Coloca esse muro como fronteira física e também imaterial da ilha. Ainda fala das fronteiras burocráticas que na imagem criada por Alejo Carpentier são chaves de papel e traz a discussão os escritores de hoje que enfrentam as fronteiras editoriais e de mercado.

Bernardo de Carvalho no seu texto do capítulo três, **Pátria**, representa a polifonia das vidas com as quais o migrante internacional precisa se contentar com o que lhe é apresentado, mesmo sendo pouco, mesmo sendo injusto e desumano, por medo de ser devolvido ao país de origem, de não ser aceito, desse modo se perdem idiomas, dialetos, costumes, portanto a identidade. Neste texto o autor diz “Não há nada melhor para quem tem medo de voltar para o lugar de onde veio do que se esquecer de si” (p. 38).

Para tanto usa o personagem de um refugiado representando a polifonia de vidas em conflito, pois é ‘estrangeiro’, confinado e que conflita com o limite geograficamente

imposto que neste texto é sua vizinha. O autor usa de metáforas para demonstrar que os seres não têm se comunicado. O texto coloca em voga que além do confinamento, há o exílio no tempo, e por isso o retorno a sua terra natal é tão ou mais difícil quanto adentrar um novo país. Atuar passa a ser necessário para não ser suspeito, não ser julgado. Aceita o lugar que lhe é oferecido, mas a condição é não ser diferente demais para não levantar suspeitas, o necessário é ser transparente para sobreviver, para garantir o básico. O argumento xenofóbico se sustenta em obscenidades, mentiras, parece que pouco ou nada resta da solidariedade humana e é necessário encarnar um personagem para sobreviver as políticas alentada pelo Estado contra os ‘estrangeiros indesejados’.

Finalizando o livro com o capítulo cinco, **Viajantes**, de Igiaba Scego explicita-se que atualmente o passaporte classifica as pessoas e o autor abre espaço para entendermos o conceito do vocábulo viagem que não pode nomear o processo de emigração, já que a nós como seres humanos cabe o direito fundamental de ir e vir. Porém, o que ocorre é que no processo de emigrar o ir é obrigatório, mesmo não sabendo se no destino encontrará acolhimento. O autor destaca questionamentos importantes como a condenação de uma pessoa pela randomização geográfica e não por crimes que tenham cometido e até quando será denominado de tragédia o que deveria ter nome correto de homicídio para que visualizássemos a gravidade e a crueldade.

Nenhuma fronteira é apenas física, vai além de um rótulo, é densa e fluida, específica e mesclada, é uma expressão dos seres que lá vivem e que a vivem, é muitas vezes escolha e outras vezes prisão, por vezes é signo de liberdade quando se atravessa buscando o novo e outras oportunidades. Dessa forma, muros foram erguidos nas fronteiras e não apenas físicos, mas juridicamente também, como “autorização de saída” ou a de “saída definitiva” quando os bens eram confiscados, por que o governo também se utiliza de estratégias para manter pessoas em seu território. Neste sentido, é importante retornar à ideia trazida por Padura que descreve tais realidades como uma porta que “estava fechada com enormes chaves de papel, que eram as piores” pois “confinamentos físicos podem gerar confinamentos mentais” (p. 79).

A ideia da globalização veio como que para acabar com as fronteiras, mas o mundo é tão contraditório que as portas continuam fechadas, não há como se

aproximar de outros povos e culturas se não há como chegar até eles, sendo por questões financeiras ou burocráticas. O sentimento de pertencimento nos dá raízes fortes o bastante para sairmos de nosso território fisicamente se tivermos essa escolha e não imposição e assim sermos atravessados por histórias e costumes, impregnados em nosso ser e nos dá consciência dos locais, enriquecendo nossa existência e a dos outros. Quanto mais avesso ao movimento dos seres e a favor da força da ordem, tudo que não cabe torna-se alheio, uma categoria do ‘migrante internacional’, que vivem o risco de passar as fronteiras geopolíticas e de linguagem e se tornarem outros de si mesmo com suas bagagens, alheios, passantes, breves.

O autor nos incita a desenvolver o raciocínio de que hoje o emigrar é uma ida sem volta para algumas pessoas, já que não há vistos consulares expressos com facilidade ao emigrante e sendo assim só se pode seguir um único sentido. E, neste caminho é onde se encontram as mais perversas expressões das pessoas, uma vez que ali há “atravessadores de migrantes, escravagistas, policiais corrompidos, terroristas” (p. 85), o emigrante fica “à mercê de um destino nefasto que condena pela geografia e não por algo que você fez” (p. 85), viajar é um direito para poucos, as travessias estão apodrecendo devido ao número excessivo de cadáveres de emigrantes.

Viver a indiferença tem sido prática cotidiana e tem abrangido toda a sociedade indiferente que usa do privilégio dos seus passaportes protocolares. Segundo o autor, há tempos que devíamos ter ido além no discurso sobre os movimentos migratórios e nos atermo ao termo viagem que é desigual, pois teoricamente todos podem viajar, mas há uma barreira jurídica que possibilita a promoção de uns e o precipício a outros, por que viajar é difícil se você nasceu em países indesejados, e a partir daí se tem uma vida condicionada.

O livro nos tira da zona de conforto e da área de aceitação e contentamento, que não deveria existir. Mas, como seres passivos, aceitamos e vamos vivendo como se as fronteiras tivessem que ser fechadas para que as questões de vagas em escolas e hospitais fossem sanadas e os problemas dos outros países ignorados. Pois, se passou a minha fronteira física, passou das minhas mãos e eu não posso fazer nada. Estaremos

nós todos corroborando com as palavras de Patrícia de Mello: “camaras de eco”? Estaríamos sendo agente de transformação ou apenas vamos seguindo o fluxo?

Os textos elucidam que as fronteiras e os estrangeiros são também uma identidade e como tal é intrasferível, pode-se pertencer ao local fronteiriço e cada ser ter, nessa localidade, sua vivência de prazer ou sofrimento.

A necessidade de visar uma nova maneira de lidarmos com as questões imigratórias internacionais é tão urgente que para evitar que mais pessoas percam suas vidas, o conhecimento precisa ser disseminado o mais rápido possível. O livro te diz: acorda, se vira do avesso, sente a dor do outro, do outro que perdeu casa, amigos, emprego, família, que perdeu a possibilidade de crescer em sua terra natal se assim desejasse, do outro que perdeu oportunidade de escolha e ter cerceado direitos.

A criação de políticas comuns nas fronteiras que lidem com o número de seres humanos que cheguem aos seus limites é tão óbvia, mas a escolha dos governos é controlar o território separadamente e não se importar com as vidas. Há a necessidade urgente de criar-se movimentações seguras “para quem se desloca e para quem acolhe” (p. 95), é preciso criar espaço para o ser humano, para integração, para se aprender com o outro. E livros como este, por possuir uma pedagogia heurística, colaboram por uma visão mais holística da realidade migratória e seus desafios na vida em fronteira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACHADO, L.O. *et al.* O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. **Território, População e Desenvolvimento**, p. 51-76, 2005.

OLIVEIRA, M.A.M. O ambiente fronteiriço: traços intangíveis e realidades sinuosas. **Revista Geopantanal**. UFMS/AGB. Corumbá/MS. N. 21. 13-22. Jul./Dez. 2016. Acesso em: 2 fev. 2022.